

POÉTICA E MEMÓRIA: OBJETOS-LEMBRANÇA, AFETIVIDADE E IDENTIDADE

POESÍA Y MEMORIA: SOUVENIR OBJETOS- Y LA AFECTIVIDAD IDENTIDAD

Priscila de Matos¹

Paulo Ernesto Scortegagna²

RESUMO

O presente texto trata de aspectos conceituais relacionados à obra de arte “Ausência x Presença: memórias afetivas”. A obra está composta por imagens fotográficas que refletem sobre passado e presente, memória, identidade e afetividade. Apresenta elementos biográficos relativos à minha história de vida, remetendo especificamente a duas fases: a infância e a juventude. E, nesse sentido, o passado (ausência) configura-se como rememoração da infância. E o presente (presença) está relacionado à juventude. Objetivou-se estabelecer as relações entre fotografia, documento e arte contemporânea. A metodologia utilizada consta de pesquisa bibliográfica e uma abordagem que enfatiza a relação entre arte e literatura. Constatou-se que o processo de criação fotográfica resgatou metaforicamente o passado, recuperando a memória, através da ressignificação de objetos e retratos de família, pelo viés da arte contemporânea.

Palavras-chave: Ausência. Presença. Fotografia. Identidade. Arte contemporânea.

RESUMEN

Este artículo trata sobre los aspectos relacionados con la obra de la arte conceptual “Presencia Ausencia x: recuerdos afectivos”. La obra está compuesta de imágenes que reflejan el pasado y el presente, la memoria, la identidad y afecto. Presenta elementos biográficos relacionados con la historia de mi vida, refiriéndose específicamente a dos fases: la infancia y la juventud. En este sentido, el pasado (ausencia) aparece como recuerdo de la infancia. Y esto (presencia) está relacionado con la juventud. Este estudio tuvo como objetivo establecer la relación entre la fotografía, el arte contemporáneo y el documento. La metodología consiste en la literatura y un enfoque que enfatiza la relación entre el arte y la literatura. Se encontró que el proceso de creación fotográfica rescatado metafóricamente el pasado, la recuperación de la memoria a través de la redefinición de los retratos de la familia y los objetos, el riesgo del arte contemporáneo.

Palabras clave: Ausencia. Presencia. Fotografía. Identidad. Arte contemporáneo.

¹ Acadêmica do Curso de Artes Visuais - Bacharelado, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. *E-mail:* priscila.matos@unijui.edu.br.

² Mestre em História, Arquitetura e Desenho, pela Universitat Internacional de Catalunya, UIC, Espanha. Professor e coordenador do curso de Artes Visuais, DHE, da Unijuí. Orientador da pesquisa. *E-mail:* paulosc@unijui.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresento alguns aspectos e conceitos relacionados ao trabalho intitulado “Ausência x presença: memórias afetivas”. Assim este trabalho apresenta uma pesquisa prático-teórica, na qual busco através de um olhar apurado, como quem investiga a arqueologia da vida, emoldurar e recriar a minha biografia, resultando em um misto de arte e vida. O trabalho é composto por um conjunto de oito dípticos (gavetas), com os quais estabeleço conexões entre a memória, os retratos de família, as fotografias dos objetos pessoais e do meu corpo. Esses elementos compõem o repertório da obra, apresento elementos biográficos relativos à minha história de vida, remetendo especificamente a duas fases: a infância e a juventude. E, nesse sentido, o passado (ausência) configura-se como rememoração da infância. E o presente (presença) está relacionado à juventude.

Nesse processo de resgate e ressignificação de elementos da minha vida, lanço-me na constituição de uma obra de arte contemporânea. A temática pesquisada é importante, porque busco aprofundar e refletir sobre a minha própria história de vida, através do processo artístico.

O fazer artístico partiu da definição do tipo de máquina fotográfica, da escolha e seleção de objetos a serem fotografados e dos retratos de família. Captei imagens fotográficas para produzir uma poética visual que definisse a temática; analisei as relações que se estabeleceriam entre cada uma e selecionei-as. Depois, verifiquei como essas imagens-lembranças poderiam produzir uma antítese visual, que envolvesse os polos passado/presente, ao se inscreverem como metáforas visuais, através da relação entre as imagens, que formam o conjunto de dípticos. Investiguei os significados de metáfora e metáfora visual através de pesquisa bibliográfica e processo reflexivo. Além disso, averigui a associação do significado de ausência como analogia de passado; e presença como analogia de presente.

O fazer fotográfico proporcionou a organização de conjuntos de imagens, repletos de significados que dialogam uns com os outros, sucessivamente. Todas as imagens dialogam entre si, pois todas são, de certa forma, fragmentos da minha vida, carregados de memória e afetividade.

Além disso, busquei estabelecer vínculos entre a arte e a literatura, pois acredito que as duas linguagens agem no sentido de tocar a alma humana e nos sensibilizar. Identifiquei, na poesia “Presença” de Mario Quintana (Alegrete RS, 1906 — Porto Alegre RS, 1994), elementos que estão muito próximos da temática que procuro abordar, pois trazem na sua

essência elementos referentes à memória e à afetividade, que estão intrinsecamente ligados ao tempo.

Ao longo do processo de criação, realizei uma pesquisa plástica de materiais, que serviriam de suporte para as fotografias. No percurso, o trabalho desdobrou-se da linguagem bidimensional (fotografia) para a tridimensional; e, nesse movimento, da fotografia chega-se à instalação de parede. Esse processo de pesquisa resultou em uma exposição individual na Sala Java Bonamigo, na Unijuí, como requisito para obter o título de bacharel em Artes Visuais.

2 AUSÊNCIA X PRESENÇA: RELAÇÕES METAFÓRICAS

Ausência x Presença — dois polos antagônicos, porém verdades inseparáveis. Considero a ideia de ausência e presença como a significação do tempo: passado e presente. Para explicar melhor o conceito de ausência, vale mencionar o conceito do dicionário brasileiro Aurélio: “estado ou condição de ausente. Não comparecimento; falta. Inexistência, [...]” (FERREIRA, 2008, p.154). E a palavra passado conceitua-se: “que passou, ou acaba de passar. antiquado, obsoleto [...]” (FERREIRA, 2008, p. 612).

O mesmo autor esclarece que a palavra presença significa “o estar alguém ou algo presente” (2008, p. 651). Já a palavra presente significa: “Que assiste pessoalmente. Que está à vista (pessoa ou coisa). Que existe ou sucede no momento em que se fala; atual. O tempo presente. [...] (gram.) Tempo verbal que exprime atualidade” (FERREIRA, 2008, p. 651).

Acredito que presença pode ser entendida como analogia de presente no sentido de que a presença está relacionada a algo concreto, porque aquilo que está presente tem presença. Já o passado pode se relacionar à ausência, no sentido de algo que faltou e que não se pode recuperar, porque passou. Ou seja, é algo que não existe mais, ficou apenas no tempo passado. E, através das fotografias, busco rememorar e representar o passado, tornando-o presente metaforicamente.

Outro aspecto importante que procuro abordar através das fotografias de objetos pessoais e retratos de família são metáforas da vida. A metáfora é uma figura de linguagem baseada na similaridade. De acordo com Ferreira (2008, p. 551), metáfora significa: “tropo em que a significação natural duma palavra é substituída por outra com que tem relação de semelhança [...]”.

Na obra, as metáforas visuais são produzidas a partir da inter-relação das fotografias, desencadeando um ritmo, tanto pelo conteúdo do interior das gavetas quanto pela sua visualidade. Por exemplo, nas fotografias dos sapatinhos de criança e dos meus pés calçando

sapatos, sugiro a relação metafórica de tempo entre as imagens. A imagem dos sapatos de infância como ausência (passado), e a imagem dos meus pés calçando sapatos como presença (presente).



Figura 1 - “Gaveta da memória I”, da série “Ausência x Presença: memórias afetivas”

Foto: Priscila de Matos

Segundo Sarmiento e Tufano (2010, p. 260), “Metáfora é o emprego de uma palavra fora de seu sentido próprio, podendo ter como base uma comparação subentendida, em que o elemento comparativo está implícito, ou ser motivada por nosso conhecimento prévio, além da comparação”. E em relação às metáforas construídas a partir da relação entre as imagens fotográficas ocorre então a analogia entre meus objetos antigos e objetos atuais, passado e presente, ausência e presença. Além disso, as fotografias revelam antíteses visuais, através de imagens do passado e do presente. A criação artística evidencia também certas dualidades, aberto/fechado, revelar/esconder; pois as fotografias estão guardadas no interior das gavetas, atribuindo, assim, significado às gavetas.

Os objetos e retratos antigos são marcados pela ausência de temporalidade, porém, ao serem fotografados e ‘re-vistos’, procuro aproximar passado e presente metaforicamente, trazendo ao contemporâneo o significado do passado como alicerce do presente. No processo artístico, o passado foi predisposto e convocado de novo ao presente em rememoração; foi fragmentado e recuperado como memória de um tempo que transmuta a cada instante e muda tudo em nós e ao nosso redor.

3 MEMÓRIA: OBJETOS-LEMBRANÇAS

Busco, através da criação artística, a rememoração do passado através de fotografias de objetos da minha infância, ao trazê-los para o presente, se inscrevem como objetos-

lembrança. “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança” (BOSI, 1983, p.15)

A memória é feita de imagens que unem passado e presente, superando as barreiras do tempo. E o jogo da construção da memória se deve ao processo de imaginação. Segundo o filósofo Bachelard (1998, p. 25), “[...] memória e imaginação não se deixam dissociar. Ambas trabalham para seu aprofundamento mútuo. Ambas constituem, na ordem dos valores, uma união da lembrança com a imagem”. Em relação às imagens, o mesmo autor afirma que “A imaginação grava-as em nossa memória. Elas aprofundam lembranças vividas, deslocam-nas para que se tornem lembranças da imaginação” (BACHELARD, 1998, p. 49).

Sendo assim, imagem e memória estão intimamente ligadas, pois a origem da palavra imaginação vem do latim *imaginari*, formar uma imagem mental de algo; derivado de *imago*, imagem, representação. Sobre a memória, Cruz (2011, p. 33-34) menciona que “[...] a memória tem o poder de ativar ou reter as coisas. A memória faz parte da vida, ou seja, somos feitos de certa forma de memória, mas também de lembranças e esquecimentos”.

Com o resgate das lembranças do passado através da fotografia dos objetos, busco reinventar o passado, ao dar um novo sentido ao ato de rememorar através da arte. A psicóloga Bosi (1983, p. 17) observa que memória não é sonho, é trabalho, pois, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. E, nesse jogo de construção da memória, os objetos são ‘re-vistos’, ao evidenciar a relação de afetividade existente.

Os objetos são intrínsecos à nossa vida, pois revelam os tempos vividos por nós, através de suas marcas emanam vestígios do passado e representam as experiências vividas ao longo do tempo. Os objetos de certa forma traduzem a presença da pessoa no mundo. Sobre os objetos, Baudrillard (*apud* MACIEL, 2004, p. 103) menciona que “Os objetos em nossas vidas, distintos do modo como deles fazemos uso em um dado momento, representam algo muito mais profundamente relacionado à subjetividade”. Em meu trabalho, os objetos são importantes porque são registros da minha vida que ajudam a compor a autobiografia, através da representação fotográfica deles. Bosi (1983, p. 360) afirma que “Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade”.

Os objetos são marcados pelo tempo, pois não são mais os mesmos de antigamente. Da mesma forma que as pessoas também se modificam, pois o tempo muda tudo em nós e ao nosso redor.

Bosi (1983, p. 17) [grifo do autor] afirma que:

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

Pela memória tomamos consciência de fatos e acontecimentos ocorridos no passado, pois reativamos imagens mentais nesse processo, em que nossa percepção é fundamental. De acordo com Bosi (1983, p. 9):

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

4 AUTOBIOGRAFIA: IDENTIDADE E CORPO

Esta pesquisa poética propõe uma autobiografia através de imagens fotográficas de objetos pessoais e de partes do meu corpo. A professora doutora Annateresa Fabris aborda em seu livro³ sobre o corpo e a relação com o indivíduo e, mais que isso, faz reflexões sobre criações fotográficas contemporâneas, em que o gênero autorretrato é apresentado de uma forma diferente. A noção de autorretrato e a questão de identidade são investigadas a partir de uma visão diferente, através de fotografias de fragmentos do corpo do artista, nas quais a cabeça nunca é fotografada.

Annateresa Fabris escreve sobre o trabalho de Niura Ribeiro, “Auto-Retrato” (1999), obra composta por fotografias de partes do corpo da artista, como sendo autorretrato acéfalo. No trabalho de Niura Ribeiro, percebo possibilidades de articular as ideias apresentadas por ela às fotografias criadas ao longo do meu processo de criação.

Em meu trabalho, fragmentos do meu corpo também são fotografados, porém construo uma composição, ao fotografá-lo lado a lado com objetos pessoais, buscando, além da

³ Capítulo VI - O auto-retrato acéfalo in Fabris, Annateresa. **Identidades Virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

autoafirmação, estabelecer relações metafóricas com as fotografias de objetos antigos que fizeram parte da minha infância.



**Figura 2 - “Gaveta da memória IV”, da série “Ausência x Presença: memórias afetivas”
Foto: Priscila de Matos**



**Figura 3 - “Gaveta da memória III”, da série “Ausência x Presença: memórias afetivas”
Foto: Priscila de Matos**

As fotografias da composição fragmento-corpo-objeto inscrevem-se como presença; e os objetos-lembranças, como ausência. Na constituição do autorretrato, busco sempre a supressão da imagem da cabeça, atribuo a questão da identidade às fotos das mãos e dos pés.

Em relação à simbologia da imagem do pé, as palavras de Fabris ajudam a explicar esse aspecto: “[...] é o que deixa marcas nas veredas percorridas pelo ser” (2004, p.165). Sendo assim, é com os pés que deixamos marcas, vestígios por onde passamos. Os pés são os pontos de apoio do ser, definem a chegada e a partida.

Outro aspecto importante é no que se refere à imagem das mãos, para mim, elas estão intimamente ligadas à questão da identidade do sujeito, pois nas pontas dos dedos estão localizadas as digitais, que são as expressões físicas da individualidade de cada pessoa.



**Figura 4 - “Gaveta da memória II”, da série “Ausência x Presença: memórias afetivas”
Foto: Priscila de Matos**

Desse modo, busco, através das composições fotográficas, evidenciar a minha presença como um espelho, revelando-se através de imagens fragmentadas do meu corpo e de objetos pessoais. “Fotografia e espelho compartilham o mesmo mecanismo de auto-revelação” (FABRIS, 2004, p. 155). Ou seja, o retrato reproduz a exterioridade do sujeito, de modo análogo ao espelho. Sobre esse assunto, Canton (2001, p. 68) menciona que “O auto-retrato é o espelho do artista. Ali se reflete a própria imagem, assim como a imagem da arte e de um determinado contexto em que a obra se inscreve”.

Além da reprodução da exterioridade do corpo, a fotografia permitiu a representação metafórica da interioridade, pois exprime os meus sentimentos, o meu pensamento e o meu olhar diante do mundo. Segundo Canton (2001, p. 68), “Dentro do universo de imagens humanas, o auto-retrato se estabelece como um sub-gênero repleto de peculiaridades. Nele, o artista se retrata e se expressa, numa tentativa de leitura e transmissão de suas características físicas e de sua interioridade emocional”.

5 RETRATOS DE FAMÍLIA

A obra abarca fotografias de retratos de família: pai, mãe, irmão e avó paterna. Vasculho antigos retratos de família guardados na caixa de fotografias da minha avó, seleciono alguns e, depois, realizo fotografias digitais a partir desses retratos.



**Figura 5 - “Gaveta da memória V”, da série “Ausência x Presença: memórias afetivas”
Foto: Priscila de Matos**

Os registros fotográficos recuperam a história da família, pois, ao revê-los, retornam à memória os antigos acontecimentos e a lembrança de pessoas que não estão mais presentes na minha vida. Segundo Leite (2000, p. 160-161), “Além de ser um espelho de momentos passados, as fotografias recuperam a presença dos ausentes”. E essa ligação entre a fotografia e o referente ocorre através da memória e da relação de afetividade existente, presentificando as memórias encontradas nos registros fotográficos. Esse assunto também é comentado por Kossoy: “As fotografias, em geral, sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou: são os elos documentais e afetivos que perpetuam a memória” (1999, p.139).

No díptico “Gaveta da memória VIII”, estabeleço a relação metafórica entre o retrato da minha mãe biológica e a fotografia em branco, a primeira relaciona-se à presença, e a outra, à ausência, ou seja, as fotografias remetem à relação entre mãe e filha, à sua falta na minha vida, pois nos separamos quando eu ainda era bebê. “A foto é literalmente uma emanção do referente [...] a foto do ser desaparecido vem me tocar como os raios retardados de uma estrela. Uma espécie de vínculo umbilical liga a meu olhar o corpo da coisa fotografada [...]” (BARTHES, 1984, p. 121).



**Figura 6 - “Gaveta da memória VIII”, da série “Ausência x Presença: memórias afetivas”
Foto: Priscila de Matos**

Ao olhar as fotografias de familiares, nos vêm à memória o que ficou para trás e nos sentimos interrogados pelo objeto que temos diante dos olhos, englobando o passado e o presente. Leite (2000, p. 13) observa que “O álbum, a coleção de retratos de família nos interroga silenciosamente, [...] portadoras da substância enigmática do tempo que ali se acumulou, fixada no instante”.

6 ENTRE FOTOGRAFIA, POESIA, MEMÓRIA, DOCUMENTO E ARTE

O fazer fotográfico proporcionou a rememoração das lembranças de infância, ao captar o tempo, eternizando o momento; assim, o passado está presente apenas metaforicamente através do registro fotográfico. Hedgecoe (1996, p. 6) acredita que a fotografia “é feita para registrar lembranças e comunicar nossas idéias e pensamentos, e é única em sua capacidade de congelar para sempre um determinado instante do tempo”. Esse aspecto também é comentado por Wollen (*apud* AUMONT, 1995, p.166-167): “[...] em uma foto o tempo está incluído, encerrado, a foto embalsama o passado [...]”.

A fotografia é registro, mas também revelação.

Como um jogo de separação e distância, o ato fotográfico revela passagens do imaginário no real. Uma foto é sempre um referente captado em um tempo e em um espaço — distância —, diferente e inalcançável pelo sujeito que vê — separação. Ao mesmo tempo, é uma separação e uma distância presentes à visão e observação em qualquer tempo e lugar em que for colocada à disposição ou manipulação. (KOURY *apud* ACHUTTI, 1998, p.76).

Acredito que a arte fotográfica e a poesia são linguagens que se completam e dialogam, pois ambas procuram tocar a alma humana. Sobre alma e fotografia, Samain (*apud* ACHUTTI, 1998, contracapa) comenta:

Pequena queimadura de luz sobre uma superfície sensível (como uma alma) — os nitratos de prata, pele e película ao mesmo tempo — a fotografia é, na sua materialidade, tanto uma ferida como uma cicatriz, uma fenda aberta no tempo, uma rachadura do espaço, uma marca, um rastro, um indício. Corte e golpe, ela é essa superfície de signos múltiplos e complexos, aberta a um passado que já não existe mais e a um futuro que não chegou a ser. As fotografias são tecidos, malhas de silêncios, as pequenas peles, as películas das nossas vivências. As fotografias são memórias e confidências.

Vale observar que busquei relacionar a poesia “Presença”, de Mario Quintana, com os conjuntos fotográficos, por acreditar que a temática é abordada de uma forma muito próxima da que procuro trabalhar.

Nas palavras do poeta:

É preciso que a saudade desenhe tuas linhas perfeitas,
Teu perfil exato e que, apenas, levemente, o vento das horas ponha um frêmito em
teus cabelos...
É preciso que a tua ausência trescale sutilmente, no ar, a trevo machucado, a folhas
de alecrim desde há muito guardadas não se sabe por quem nalgum móvel antigo...
Mas é preciso, também, que seja como abrir uma janela e respirar-te, azul e
luminosa, no ar.
É preciso a saudade para eu te sentir
Como sinto — em mim — a presença misteriosa da vida...
Mas quando surges és tão outra e múltipla e imprevista
Que nunca te pareces com o teu retrato...
E eu tenho de fechar meus olhos para ver-te!
(QUINTANA, 2000, p.66)

Esse poema revela aspectos que também estão presentes em meu trabalho, pois remetem à memória, a lembranças guardadas, evocando o passado ao presente em rememoração. No seguinte verso do poema: “... folhas de alecrim desde há muito guardadas não se sabe por quem nalgum móvel antigo...”, o poeta remete metaforicamente às lembranças guardadas, referindo-se as nossas recordações mentais.

Sobre fotografia e memória, Kossoy (1999, p.137-138) comenta:

[...] todos nós guardamos fotos de nossas experiências de vida: imagens-relicário que preservam cristalizadas nossas memórias. A fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado, lembrança imutável de um certo momento e situação, de uma certa luz, de um determinado tema, absolutamente congelado contra a marcha do tempo. Certas imagens carregam em si um forte conteúdo simbólico, como algumas de nossas próprias fotos pessoais ou familiares.

A fotografia revela um tempo parado na imagem, mas que se eterniza ao ser olhado. E, ao olhar para o instante da foto – que já não é o tempo real vivido –, podemos viver o instante num outro momento pela imaginação. As fotografias captam um momento vivido, acumulam e fixam os instantes pela memória fotográfica. É um passado que se torna presente através das nossas lembranças mentais, fator que envolve nossa percepção diante das imagens e das coisas. De acordo com Rouillé (2009, p. 222):

[...] cada momento fotográfico é duplo: uma face ancorada no presente vivido da matéria, a outra face inscrita no passado virtual da memória. A primeira dimensão, sem dúvida a mais familiar, é a do presente vivo, da ação, do ‘isso foi’. É igualmente a da impressão, da captação, do registro, do índice, em resumo, dos contatos físicos,

das contiguidades de matérias – matérias das coisas e matéria fotográfica. Mas trata-se, aí, apenas da metade da fotografia. Sua outra metade, diferente embora inseparável da primeira, é constituída pela memória que intercala o passado no presente, que comunica seu caráter subjetivo a nossas percepções e ações: tanto àquelas do espectador diante da imagem, quanto às do operador diante das coisas.

Outro aspecto importante no que se refere à fotografia e à memória é o fato que de muitas vezes, pela fotografia, a memória é reativada, fatos esquecidos ou parcialmente lembrados se refazem ao observarmos as fotografias. De acordo com Leite (2000, p.130), “A imagem se transforma na lembrança e muitas vezes a lembrança se fixa na imagem”. Além disso, as fotografias documentam os fatos vividos, e ao fotografar busco manifestar as suas dimensões documentais e artísticas. Leite (2000, p. 145) observa que “Em muitos casos, lembranças das fotografias substituem lembranças de pessoas ou acontecimentos, que são mutáveis, enquanto a fotografia fixa pode ser revista muitas vezes”.

As fotografias narram a minha história de vida e, ao mesmo tempo, se configuram como memória, documento e arte. Para Bosi (1983, p. 29) [grifo do autor]: “A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a *sua* memória”.

7 GAVETAS: O ESPAÇO DA MEMÓRIA

As fotografias foram organizadas dentro de gavetas, formando dípticos, dispostos na parede. Cada fotografia revela um espaço, que surge da inter-relação entre as imagens de cada gaveta, alimentando o imaginário de cada observador, buscando situá-las em um ponto de interseção entre a vida e a arte. O trabalho constitui-se nesse movimento de vaivém, ao trazer elementos da minha história de vida.

As gavetas simbolizam as memórias arquivadas em nossa mente, que são rememoradas através das lembranças. Sobre lembrança, o artista Iberê Camargo menciona que:

No andar do tempo, vão ficando as lembranças, os guardados vão se acomodando em nossas gavetas interiores [...] nós somos como as tartarugas, carregamos a casa. Essa casa são as lembranças. Nós não poderíamos testemunhar o hoje se não tivéssemos por dentro o ontem, porque seríamos uns tolos a olhar as coisas como recém-nascidos, como sacos vazios. Nós só podemos ver as coisas com clareza e nitidez porque temos um passado. E o passado se coloca para ajudar a ver e compreender o momento que estamos vivendo. (CAMARGO, 2010, p. 32).

Em “Ausência x Presença: memórias afetivas”, o espectador é convidado a explorar o interior das gavetas e conhecer seus segredos. “A arte expressa e reflete o íntimo do artista. Como resultado, transmite muito mais que a aparência exterior de sua obra. É um olhar para o mundo interno que se abre e se mostra. Ela tem vida própria” (AMARAL *apud* CANTON, 2001, p. 191).

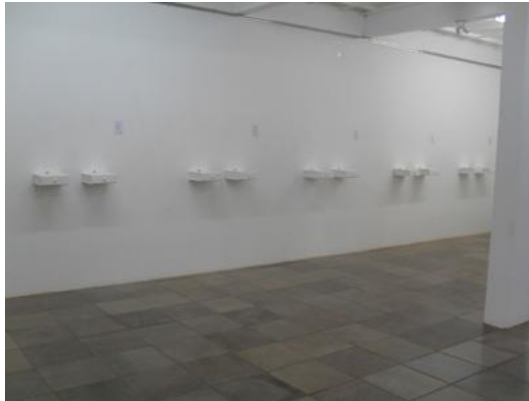


Figura 7 - Detalhe da Exposição “Ausência x Presença: memórias afetivas”, na Sala Java Bonamigo, na Unijuí (Foto: Priscila de Matos)

As gavetas possuem um significado próximo ao explicitado no poema “Presença”, pois traduzem a ideia de memória, recordações guardadas, que são reveladas ao espectador no momento em que este espreita o interior da gaveta. E, ao mesmo tempo em que revelam aspectos da minha vida, buscam despertar o que está escondido na memória de cada um. Apresento minhas experiências ao espectador para que ele as vivencie e delas se aproprie, levando-o a refletir e mergulhar nas suas próprias memórias.

As palavras do artista Iberê Camargo ajudam a explicar a maneira como entendo as questões referentes à memória:

A memória é a gaveta dos guardados... A memória pertence ao passado. É um registro. Sempre que a evocamos, se faz presente, mas permanece intocável, como um sonho. A percepção do real tem a concreteza, a realidade física, tangível. Mas como os instantes se sucedem feito tique-taques do relógio, eles vão se transformando em passado, em memória, e isso é tão inaferrável como um instante nos confins do tempo. (2010, p.30)

Nesse sentido, as lembranças se fazem presentes como memória de um tempo passado, que evocamos em pensamento. Para Bosi (1983, p. 39):

Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição.

8 ARTE CONTEMPORÂNEA E PROCESSO CRIADOR

Sobre arte e processo de criação, Costa (2004, p. 135-136) aborda: “A arte penetra em nós através da porta da sensibilidade, mantendo aberto esse canal com nossa natureza mais instintiva e profunda. A cada emoção ou prazer [...], nossos sentidos se renovam e se apuram num processo infindável de recriação.” Busco estimular a percepção do observador, levando-o a um processo de recriação mental de lembranças da sua própria infância. “A representação fotográfica é uma recriação do mundo físico ou imaginado, tangível ou intangível; o assunto registrado é produto de um elaborado *processo de criação* por parte de seu autor” (KOSSOY, 1999, p. 43) [grifo do autor].

Muitos artistas contemporâneos abordam aspectos biográficos da sua vida e deles se utilizam como elemento fundamental do impulso criador. O artista contemporâneo Paulo Renato Gaiad (Piracicaba SP, 1953) também aborda, em seu trabalho, questões referentes à memória e ao tempo, trazendo referências biográficas da sua história de vida e de outras pessoas. Em “Receptáculo da Memória”, as lembranças do passado são convocadas ao presente, através de objetos do passado, ressignificados pela arte.

Segundo Ribeiro (2008, p. 800):

Na obra, Receptáculos da Memória, de Paulo Gaiad, as pessoas são solicitadas a enviar-lhe qualquer tipo de objeto capaz de sintetizar momentos especiais de suas vidas. Recebidos esses objetos, depositários de uma afetividade que simboliza o tempo passado de forma inexorável e, por isso, totalmente idealizado, o artista reinterpreta estes objetos, reiterando sentidos contidos neles ou conferindo a eles novos significados, associando-lhes, outros objetos.

Os objetos recebidos são depositados em caixas de metal,

[...] acontece o encontro de duas afetividades: a do proprietário primeiro do objeto, que projetou naquela coisa inerte uma série de desejos, frustrações e sentimentos, e aquela do próprio artista que, ao ordenar o objeto recebido dentro da caixa – associando-o, como foi dito, a outros objetos e materiais –, agrega os próprios desejos e frustrações àqueles dos doadores. (CHIARELLI, 2002, p.30)

Nesse sentido, esses aspectos estão relacionados à memória e à afetividade, pois os objetos utilizados são carregados de memória pessoal. E, ao ressignificá-los pelo viés da arte contemporânea, o artista transfere todos seus sentimentos e desejos.

Segundo Chiarelli (2002, p.30):

Esse projeto de Gaiad – que, em princípio, não teria exatamente um fim, porque a possibilidade de agregar convidados ao projeto é infinita – reforça de maneira radical, no campo da arte contemporânea, a presença marcante do artista não mais como autor imbuído do gênio criador das formas, mas como articulador de universos poéticos submersos no cotidiano da maioria das pessoas que ele dá a ver em espaços antes dedicados à exibição de obras convencionais. Por meio de suas caixas de memórias, de seus pequenos receptáculos de desejos e frustrações – de onde emanam delicadas possibilidades de significações poéticas sempre em trânsito -, Gaiad cria e justapõe pequenas narrativas, resíduos de uma arqueologia ainda em devir, a tocar nossa sensibilidade quase sempre embotada pela avalanche de indiscriminadas informações que povoam nosso cotidiano.

Outro aspecto importante da obra de Paulo Gaiad é no que se refere à dimensão do ciclo de lembranças, evocada através de objetos pessoais de várias pessoas convidadas para participar do projeto, mas que, ao atingir o espectador, evocará outras lembranças.

De acordo com Garcez (2009, p. 352):

A série se torna um artesanato de memórias, tesouros que trazem um tempo que só vive na lembrança daquele que conhece, mas que evoca a memória do outro. O espectador neste trabalho entra com suas próprias memórias, não importando que não seja a sua colher ou o seu travesseiro, são todas as colheres e travesseiros de bebês, que estão ali guardadas, são todos os aromas da infância que se encontram no macarrão exposto, são todos os pais guardados na lembrança. O desejo de lembrar e tornar imagem à memória.

Nesse sentido, vale destacar que esse aspecto relativo à memória também é evidenciado nas obras do artista Farnese de Andrade (Araguari MG 1926 — Rio de Janeiro RJ 1996), pois seus objetos são carregados de memória e afetividade.

Segundo Naves (2002, p. 12):

Farnese praticamente só recorria a coisas velhas, marcadas pelo uso ou pelo tempo. Ou então a artefatos rudimentares, objetos e imagens toscos: gamelas, ex-votos, oratórios populares. Eram objetos que o contato prolongado com os homens havia coberto de afeto e arredondado as arestas. Ou então cujas formas pouco elaboradas remetiam diretamente às mãos pouco hábeis mas fervorosas que os realizaram. As características altamente pessoais das peças com que o artista trabalhava acabavam por se transmitir às obras que criava. E os arranjos, deslocamentos e montagens a que os submetia pareciam converter esse aspecto pessoal dos elementos que entravam em suas obras em índices de algo ainda mais pessoal – biográfico, digamos. Porque sua intervenção sobre eles conduzia à obtenção de construções singulares a partir de componentes já altamente individualizados.

No meu trabalho, busca-se estabelecer um vínculo entre a obra e o espectador, pois ela só se efetiva com a interação dele, pois precisa interagir com a criação artística, ao manipular as gavetas para investigar o seu interior. O artista Farnese de Andrade também apresenta em

algumas obras essa característica, pois o artista encerra e agrega objetos garimpados dentro de caixas, gamelas, oratórios e gavetas. Cosac (2005, p. 41) comenta a respeito da obra de Farnese de Andrade: “Um aspecto característico do objeto fechado é a interação com o outro. Para vê-lo, temos que abri-lo, tocá-lo”.

Outro aspecto importante das obras de Farnese de Andrade é a utilização de retratos de pessoas de sua família: pai, mãe, irmão. O artista agrega a seus Objetos artísticos essas fotografias. Esses Objetos construídos revelam aspectos biográficos, que dizem respeito a sua própria vida, é uma forma de rememorar. Segundo Cosac (2005, p. 15), “[...] tudo que Farnese fez foi relatar sua vida visualmente [...]”.

Procuro trabalhar de forma parecida, pois, através das fotografias de meus objetos e retratos da família, busco metaforicamente reinventar a vida através da arte e dos laços afetivos impregnados nos registros fotográficos. Segundo Canton (2009, p. 22), a arte “É também o território de recriação e de reordenamento da existência – um testemunho de riquezas afetivas que o artista oferece ou insinua ao espectador, com a cumplicidade e a intimidade de quem abre um diário”.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa reflexão acerca da produção em poéticas visuais, é possível perceber que as fotografias rememoram metaforicamente o passado; acumulam e fixam um instante real do tempo pela memória fotográfica. É um passado que se torna presente através das nossas lembranças mentais, envolvendo nossa percepção diante das imagens e das coisas. Ou seja, não revivemos realmente determinado acontecimento, mas nos vem à memória em forma de reaparição, recordação; como se fosse o próprio momento vivido.

Através da memória, cria-se virtualmente um circuito, que vai do presente ao passado, depois nos traz de volta ao presente. E esse trabalho mental é de grande valia para repensar e construir o tempo presente. Essas imagens-lembranças configuradas pela memória são carregadas de afetividade e trazem à tona várias emoções, construindo uma rede de sentimentos, que emanam do sujeito recordador.

A obra “Ausência x presença: memórias afetivas” pressupõe a participação ativa do observador através do ato de abrir as gavetas, para a revelação de seu conteúdo. Apresentei minhas experiências ao espectador para que ele as vivenciasse e delas se apropriasse e convidei-o para um diálogo interpessoal, uma troca de sentimentos, conhecimentos e

sensações. A obra desperta o que está escondido na memória de cada um, gerando novos modos de ver e perceber.

A experiência do ato criador despertou o meu olhar em direção ao passado, recortando os instantes contínuos da vida e reunindo-os através da memória e dos laços de afetividade. Ao explorar o universo da criação, propiciou a descoberta de novas perspectivas acerca da arte, possibilitando um diálogo com a contemporaneidade. Nesse sentido, as fotografias documentam a minha história de vida, mas ao mesmo tempo se inscrevem como produção artística, pois as imagens foram ressignificadas através da arte. Acredito que o ato criador se constitui pela expressividade e pela subjetividade poética do artista.

Entendo que às vezes é preciso aprender a olhar os objetos, lugares e lembranças por um outro ângulo, não ficar apenas ligada ao hábito de ver e perceber as coisas ao meu redor. É preciso permitir outras formas de pensar, para realizarmos sempre novas reflexões e descobertas, a pesquisa e o processo de criação através da linguagem fotográfica proporcionaram esse novo olhar.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, L. (Org.). **Ensaio (sobre o) fotográfico**. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1998.

AUMONT, J. **A imagem**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 1995.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre fotografia**. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1983.

CAMARGO, I. **Gaveta dos guardados**. Organização: Augusto Massi. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

CANTON, K. **Novíssima arte brasileira**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

_____. **Tempo e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CHIARELLI, T. Apropriação/coleção/justaposição. In: **Apropriações/Coleções**. Porto Alegre: Santander Cultural, 2002.

COSAC, C. **Farnese (Objetos)**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

COSTA, C. **Questões de arte:** o belo, a percepção estética e o fazer artístico. São Paulo: Moderna, 2004.

CRUZ, A. Memória Social e Experiência Poética em Adélia Maria Woellner, Arriete Vilela e Virgínia Vendramini. **Revista Guará**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 27-45, jul./dez. 2011.

FABRIS, A. **Identidades virtuais:** uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FERREIRA, A. **Miniaurélios:** o minidicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

GARCEZ, L. **Imagem-movimento:** memória e esquecimento na obra de Paulo Gaiad. In: II ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, 2., 2009, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2009. p. 343-355.

HEDGECOE, J. **Guia completo de fotografia.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** São Paulo: AE Editorial, 1999.

LEITE, M. **Retratos de família:** leitura da fotografia histórica. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

MACIEL, M. **A memória das coisas:** ensaios de literatura, cinema e artes plásticas. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2004.

NAVES, R. **Farnese de Andrade.** São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

QUINTANA, M. **Os melhores poemas de Mario Quintana.** Seleção de Fausto Cunha. 13. ed. São Paulo: Global, 2000.

RIBEIRO, V. **Apropriação na Arte Contemporânea:** colecionismo e memória. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 17., 2008, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPAP; UDESC, 2008. p. 796-807.

ROUILLÉ, A. **A fotografia:** entre documento e arte contemporânea. Tradução: Constancia Egredas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

SARMENTO, L.; TUFANO, D. **Português:** literatura, gramática, produção de texto. São Paulo: Moderna, 2010.